

Josep Maria Montaner i Martorell tem se destacado nos últimos anos no território da crítica arquitetônica. Seus escritos, veiculados por prestigiosas publicações européias, não “esquecem” o continente latino-americano, onde desde o início da década de 90 tem realizado um importante trabalho de reflexão. Nestes anos tem participado ativamente de um intercâmbio, quase informal, com o PROPAR — Programa de Pesquisa e Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura do Rio Grande do Sul, e se mantém como um importante interlocutor e articulador, na Europa, dos diversos e complexos contextos arquitetônicos latino-americanos.



Pergunta:

Considerando as distintas atividades a que se tem dedicado como arquiteto, como teórico, como escritor, como professor, seria interessante saber em que medida elas se relacionam entre si. Sabemos de sua colaboração com o arquiteto catalão Carlos Ferrater, em projetos como as três quadras na Vila Olímpica (1992), a frente marítima de Barcelona (1995), o Museu Industrial do rio Ter em Manlleu (Catalunha, 1999). De uma maneira geral, como vê sua atividade de arquiteto com relação a sua atividade como teórico?

arquiteto x escritor**JMM:**

Meu trabalho essencial é o de teórico da arquitetura e professor da Escola de Arquitetura de Barcelona. Quanto à atividade de arquiteto, é claro que a arquitetura se desenvolve através do projeto, e logo com obras, e nesse sentido minha atividade é menor. Quando acabei o curso de arquitetura, trabalhei em equipe com outros colegas arquitetos (desde 1977 até 1980); depois abandonei durante alguns anos essa atividade para fazer minha tese de doutorado, isso até o ano de 1987. Nessa ocasião eu também já lecionava e era muito difícil levar juntas todas estas atividades. Quando acabei a tese, obtive uma bolsa para pesquisar em Roma e, ao voltar, decidi recomençar fazendo alguns projetos, participando de alguns concursos, organizando exposições ou fazendo algo de arquitetura de interiores. E claro, colaborei em várias ocasiões com Carlos Ferrater. Na verdade esta é uma parte menor da minha produção, que em geral não tem estreita relação com a teoria. Quando trabalho com outros arquitetos, o resultado tem mais a ver com a idéia de arquitetura que eles têm, ainda que eu contribua com meus critérios. Talvez o único ponto onde exista maior relação entre a atividade de arquiteto e de teórico seja na preparação de exposições. Na maior parte das ocasiões consegui coordenar o roteiro e o desenho de uma exposição, e nesses casos tentei fazer com que o próprio fio teórico da exposição sugerisse as pautas para o desenho da montagem, para as formas. Talvez tenham sido esses casos - *100 Años de construcción en Barcelona* (1992), *Arquitecturas límite* (1995), *Less is more* (1996) e *Barcelona 1979-2004* (1999) - em que tenha havido mais relação entre uma certa interpretação teórica e um certo tipo de montagem, de desenho gráfico, de iluminação, desenho de elementos, de vitrines, de formas e objetos que refletissem essa idéia.

**teoria x
prática arquitetônica**

Em todo caso, meu trabalho é como teórico, o que significa ler muito e escrever. Sem dúvida minha atividade mais constante, além das aulas e das conferências, tem sido escrever. Quase sempre estou escrevendo um livro e ao mesmo tempo vou produzindo artigos. E estou tão acostumado a isso que quase não posso deixar de lado um livro, a não ser que seja para começar outro, mesmo que tenha de inventar um tema. Depois de três anos, afinal considereii acabado *As formas do século XX*, e agora penso em um novo livro que se chama *Ventanas*, que é mais pessoal e filosófico, de ensaios; a única maneira que tenho de esquecer o anterior é começar outro.

E quanto aos seus textos de literatura? Ao contrário de seus livros sobre arquitetura, *Fills de Blade Runner* e *Talaia d'America* estão escritos em catalão; o primeiro deles é um diário, o segundo uma biografia mais ou menos imaginada de uma figura do ambiente cultural barcelonês, o pintor e músico de origem mexicana Salvador Moreno. Em ambos a Barcelona pré-olímpica está bem presente, quer através das suas experiências pessoais ou das vivências dos seus personagens. Isso pode sugerir uma perspectiva de arquiteto? Como se integra - ou não se integra - sua produção literária com sua produção crítica e acadêmica?

Para mim os escritos literários são outro tipo de trabalho, muito mais pessoal. Como teórico tenho que seguir um rigor e uma disciplina, tenho que estar amparado em muitas leituras. Tenho de estar convicto da veracidade do que digo, ainda que seja uma opinião. Em troca, como escritor, tanto nas duas coisas que publiquei como em outras que escrevo e não publico, me encontro em outro campo, talvez complementar, porém totalmente subjetivo e arbitrário, como em meu diário ou nessa novela meio biográfica, ainda que muito retocada, *Talaia d'América*. Para mim é como uma válvula de escape, uma parte muito distinta dos livros que faço de crítica e teoria. Essa parte literária é uma parte criativa, mas ao mesmo tempo uma parte menor, para a qual não conto com muitos leitores, e tenho muito claro que são coisas diferentes; embora eu seja o mesmo autor, são registros bastante distintos.

Creio que um autor se move sempre entre uma parte mais objetiva, ainda que seja de ensaio e opinião, em que tenta oferecer algumas certezas, e outra mais biográfica, mais pessoal, e afinal mais arbitrária, porque mais poética.

E como leitor, o que mais lhe interessa?

Eu gosto mais dos escritores que estão neste meio termo, ensaístas como George Stein, Claude Lévi-Strauss, Edgar Morin e Mario Praz, ou ainda Paul Virilio, Jean Baudrillard, Elias Canetti e Maria Zambrano, autores em que talvez essas duas vertentes se dão juntas, a ensaística e um pouco a subjetiva. Mesmo que no meu caso estas vertentes sejam bastantes distintas, para mim os máximos referentes seriam esses escritores, ensaístas ou teóricos com uma visão muito pessoal. E os que me interessam menos seriam esses autores com uma maneira de ser muito fria, muito sistemática, muito técnica, que predominam na nossa profissão.

O seu livro *Después del Movimiento Moderno* destaca-se por uma estrutura bem elaborada, não simplesmente cronológica e linear. Existe aí uma preocupação primordialmente metodológica, de ordem acadêmica, ou também literária?

De fato, procedo da mesma forma tanto com os textos literários quanto com os textos de arquitetura. Por trás, possuem uma estrutura muito pensada, que procuro seja muito clara, no fundo até estruturalista, sobre a qual depois se vai construindo o trabalho. Antes de tudo, eu penso, por um lado, nessa estrutura, seja para um ensaio ou para um livro, e, por outro, em algumas coisas concretas que pretendo dizer. Por isso talvez quando oriento uma tese, também me fixo sobretudo na estrutura do trabalho. Em meu caso existe essa obsessão no sentido de que detrás de todo trabalho feito haja uma construção, que ainda que só eu conheça, exista; no livro pronto não se verá, mas estará por baixo. Não sei se isso ajuda a compressão do texto, mas espero que sim.

Disso me dou conta agora, porque é um pouco intuitivo. Ao fazer um livro me



dedico à estrutura: é como projetar em arquitetura. Na verdade, se passa pouco tempo projetando em comparação com o tempo que tomam as fases de detalhamento e gerenciamento das soluções. Em um livro é a mesma coisa.

Além de ter bem clara essa estrutura, seja qual for, arborescente ou mais cíclica, procuro, ao mesmo tempo, que a linguagem esteja muito cuidada; e ao fazer a cobertura, ou seja, quando as idéias se vão situando nessa estrutura, selecionar bem as palavras, as frases, as construções que sejam mais adequadas. No caso dos livros, posso chegar a escrevê-los várias vezes, entre redigir os capítulos e repassá-los, transformando partes que me parecem cansativas ou em que a estrutura parece falhar. Creio que trabalho mais esses dois níveis, a estrutura interna dos textos e essa parte mais poética e didática do vocabulário e da composição do texto, onde se tem que dar voltas, buscar o dicionário, ver o melhor sinônimo e, se for o caso, tentar explicar a mesma idéia de outra maneira.

Ainda que sempre tratem da arquitetura deste século, suas primeiras publicações estavam definidas por um recorte tipológico, o museu como problema central; seus textos seguintes, entretanto, seriam reflexões muito mais abrangentes, envolvendo a discussão dos rumos da arquitetura após o Movimento Moderno. Como foram surgindo os temas sobre os quais tem pesquisado e escrito?

Cada vez mais são temas que eu proponho. Minha editora para os textos de arquitetura é basicamente a Gustavo Gili e para os dois textos literários, a Columna. *Después del Movimiento Moderno*, *La modernidad superada*, e *Las formas del siglo XX* já são propostas minhas ao editor; por outro lado, os livros de museus haviam sido temas propostos pelo editor. No princípio era o editor que perguntava se eu queria fazer este ou aquele livro, e a partir de um dado momento eu comecei a sugerir os livros em função do que ensinava na escola ou do que me interessava investigar.

Com relação ao livro *Arquitectura y crítica*, este parte de uma primeira proposta em que eu pretendia fazer um texto mais longo e com uma estrutura distinta, mas isso não foi viável comercialmente. Depois Josep Muntanya voltou a propô-lo para a coleção que dirige e eu o reestruturei em um formato mais compacto.

Também existe essa questão da língua, que talvez para o Brasil seja menos relevante. Os textos de literatura eu escrevi em catalão, mas essa é uma língua escrita que estou abandonando; tem muito pouca saída, muito pouco respaldo, é um contexto cultural débil, em que não há debate. Eu já não escrevo em catalão porque não há leitor em catalão; meus leitores são leitores em castelhano, da Espanha e da América Latina. Eu inclusive estava trabalhando em um livro em catalão, que deixei em parte pelo problema da língua. Desdobrei este livro em dois possíveis textos em castelhano.

Seriam textos de arquitetura ou de literatura?

Algo intermediário, embora ainda sejam idéias; mas a mudança é que, se voltar a escrever alguma coisa mais literária, também será em castelhano. Aliás, existe um outro ponto nesta questão da língua que pode ser interessante para uma revista brasileira. Em castelhano as coisas chegam até um certo mundo, mas a cultura que domina é sem dúvida a inglesa. Eu não entrei neste mundo, que é bastante difícil de entrar, e partindo do idioma catalão é quase impossível. Digamos que entrar aí desde Barcelona já é bastante difícil, muito mais difícil que para um autor italiano, alemão ou francês. O livro de Ignasi de Solà-Morales *Diferencias* está traduzido para o inglês, mas isto é excepcional; e Ignasi esteve muitas vezes lecionando nos Estados Unidos. E afinal, tudo acaba sendo medido com



relação ao que se faz nos Estados Unidos; os livros que são mais citados, que chegam a ter influência global, estão em inglês. Foucault, Baudrillard ou Virilio ficam famosos quando são traduzidos ao inglês. É assim, é pena mas é assim.

Cada vez mais, neste sentido, a capacidade para alcançar uma influência mais geral é distinta segundo cada lugar. Para um norte-americano é mais fácil: é a língua mais conhecida, é um mundo editorial muito mais potente, um país muito mais colonizador, que promove seus escritores, que lhes dá bolsas, etc. Barcelona está em uma situação intermediária, pode chegar com certa facilidade ao mundo latino. É provável que as possibilidades de um autor em uma cidade menor e sul-americana sejam mais restritas, ainda que este escreva também em espanhol, como eu, porque sua editora possivelmente terá menos potência e aquilo que escreve custará mais a difundir-se.

E com relação ao contexto europeu, como vê a visibilidade da produção teórica de Barcelona?

Depende. Com relação a Itália e Alemanha é mais fácil; com relação a França, muito difícil. A cultura francesa considera-se muito forte, quase autônoma. Muito pouca coisa produzida recentemente em espanhol está em francês, é talvez mais difícil do que publicar em inglês.

A Alemanha, em compensação, é bem mais receptiva, não considero que tenha uma cultura fechada.

E quanto a sua atividade como colaborador do diário *El País*?

Em parte é um trabalho menor; claro, eu gosto mais de escrever os meus livros. Mas por outro lado é atrativo, porque ainda que seja apenas durante um dia, muita gente lê. Sou consciente de que o que digo através do jornal forma parte de uma corrente de opinião; se escrevo a favor ou contra algo, sei que terá um certo peso; se crítico algo da Prefeitura, sei que naquele dia saberão... É importante pela dimensão crítica e política que podem alcançar essas opiniões para uma certa melhoria social. A maioria das pessoas me conhece pelos artigos de *El País*, ainda que esta não seja a parte principal da minha produção nem aquela a que mais me dedico, já que meu esforço maior está direcionado aos livros. Mas mesmo sendo um trabalho menor, de certa forma é imprescindível, é a maneira de ser conhecido, porque os livros saem a cada três ou quatro anos. E também é importante o papel do crítico na hora de apostar em autores ainda pouco conhecidos e com os quais se identifica: Enric Miralles, Carlos Ferrater ou Aranda, Pigem e Villalta, estão entre os autores sobre os quais fui dos primeiros a escrever. Ou ainda autores conhecidos porém pouco publicados, como Paulo Mendes da Rocha, cuja primeira publicação da obra pela Gustavo Gili foi promovida por mim.

Como vê a crítica de arquitetura hoje?

Quando vamos envelhecendo nos damos conta —e isso é um inconveniente— de que acompanhamos os autores mais velhos, que consideramos nossos mestres, e que nos custa muito ler os mais jovens. Da mesma maneira, não me lêem estes a quem eu leio, que são de gerações anteriores; quem me lê é gente mais jovem. Talvez exista uma certa dificuldade de comunicação. Com respeito às gerações maduras, há uma série de autores que me interessam muito e que continuo lendo: Colin Rowe, Alan Colquhoun, Roy Landau, Roberto Fernández, Pancho Liemur, Carlos Eduardo Comas, Ignasi de Solà-



Morales, Mike Davis, Anthony Vidler ou William Curtis. Julgo sobretudo desde o ponto de vista do rigor, da capacidade crítica e interpretativa, da profundidade e coerência que encontro nos escritos desses autores. Da geração mais próxima à minha, citaria autores como Mark Wigley, Dennis Dollens ou Leonie Sandercock. Há também outros autores que deixei de ler, que já me interessam menos porque me parecem repetitivos, como Kenneth Frampton, Oriol Bohigas, Charles Jencks ou Ramon Gutierrez.

Entre os jovens, me interessa o que escrevem Carlos García Vázquez, Alejandro Zaera, Maurici Pla, Iñaki Abalos e Juan Herreros; e há outros que, quando leio, me interessam pouco, como Manuel Gausa, Vicente Guallart, Federico Soriano ou Anatxu Zabalbeascoa. Do meu ponto de vista, interessam autores que propõem novos caminhos interpretativos, que são capazes de objetividade e rigor, em cuja produção existam conceitos e propostas.

Não me agradam os textos que são pura parafenália de linguagem, pura citação erudita, mas que não têm nada por trás; tampouco autores que escrevem de maneira obscura, muito subjetiva, imitando mal a mestres como Albert Viaplana ou Enric Miralles, sem sua capacidade criativa e interpretativa, que crêem que qualquer intuição ou qualquer exercício narrativo pode ter valor.

Em grandes linhas, como veria a produção arquitetônica atual, e as perspectivas da arquitetura no novo milênio?

Muito brevemente, ainda que eu tente compreender e interpretar todas as distintas posições que se dão na arquitetura hoje, certamente algumas tendências me interessam mais que outras. Uma delas seria na direção do respeito pelo meio ambiente, das arquiteturas adaptadas ao lugar e ao clima, seguindo uma certa estratégia de simbiose com o território e com a cidade, que podem ser produzidas por diversos caminhos, como arquiteturas leves, permeáveis, feitas de membranas, arquiteturas que respiram, arquiteturas mais vivas. Por outro lado, aquelas arquiteturas que tendem à economia de meios, minimalistas, buscando formas atemporais. Talvez sejam essas as duas linhas que mais me atraem, o caminho da ecologia e a busca pelas formas mínimas.

Na sua opinião, como se colocaria a produção arquitetônica latino-americana e brasileira com relação ao contexto internacional?

Creio que na América Latina há grandes escritores, artistas plásticos, diretores de cinema e arquitetos que são menos conhecidos, talvez em parte pela dificuldade de cada indústria ou de cada setor em promover seus autores. Há um nível altíssimo de criatividade, em muitos casos superior ao que existe na Europa. No caso da arquitetura, há uma certa dificuldade para que essa produção seja suficientemente conhecida, por uma série de razões. Não apenas os meios de difusão são mais frágeis, também os meios de representação, a qualidade das fotografias, as oportunidades que têm os arquitetos de recolher suas obras e publicá-las, ou mesmo o estado de conservação em que estas se encontram. Em muitos países latino-americanos há obras de grande valor, extremamente imaginativas e criativas, por exemplo de Clorindo Testa ou de Paulo Mendes da Rocha, mas que não têm idêntica qualidade de acabamento das obras norte-americanas, alemãs ou inglesas, porque muitas vezes se fizeram com meios mais modestos ou estão em contextos urbanos degradados, e portanto são mais dificilmente reproduzíveis. É um tipo de arquitetura que não pode competir com os critérios de perfeição técnica que tem, por exemplo, uma obra de Herzog e Meuron, que dispõe de meios tecnológicos e de uma



capacidade de reprodução e difusão que não é a mesma da de uma obra de Paulo Mendes da Rocha, ainda que ambas possam ter igual qualidade arquitetônica. Com essa visão das obras perfeitas, é difícil que se reproduza, que se difunda e que se conheça uma arquitetura de grande interesse, mas que está produzida em um mundo distinto e que se deve olhar com outra mentalidade.

Eu, por exemplo, insisto com a revista *El Croquis* para que publique algo sobre arquitetura latino-americana, mas a dificuldade maior está em selecionar esse material, um autor que tenha obra suficiente para todo um número, ou obras com certa relação, publicáveis e bem fotografadas. Quanto a nomes, publicaria por exemplo Paulo Mendes da Rocha e Lina Bo Bardi, no caso do Brasil; Clorindo Testa, Mario Roberto Álvarez e Mariano Clusellas, da Argentina; Jorge Rigamonti, da Venezuela; Mathias Klotz, entre muitos chilenos de qualidade, ou também Kalach, do México.

E recentemente, qual seria sua principal atividade de pesquisa?

De momento terminei *Las formas del siglo XX*, que está por ser publicado. É uma interpretação do século XX segundo grandes conceitos que se relacionam com os mecanismos criativos e as lógicas formais que resumiriam o século, que não estão apenas na arquitetura, mas nas artes plásticas, na literatura, no cinema, etc. Por trás da enorme variedade de obras e experimentos deste século, há alguns invariantes, alguns mecanismos ou mundos formais que se vão repetindo e que podem agrupar-se como formas orgânicas, oníricas, abstratas, maquinais; ou realistas, da cultura pop; ou tipológicas, caóticas, desmaterializadas, etc. E além disso, cada mundo formal remete a teorias científicas, a uma concepção do tempo, da filosofia, do sujeito e da sociedade. Utilizar umas formas em lugar de outras não é um procedimento casual, senão que por trás de cada opção formal há toda uma visão de mundo, toda uma interpretação da sociedade. E é isso que tento explicar neste livro, como as tramas formais, sejam do minimalismo, do realismo, ou do organicismo, mostram que autores de distintas disciplinas utilizam formas parecidas porque têm visões de mundo parecidas, ou interpretam e recorrem a mundos formais já definidos.

E sobre Porto Alegre, que lembranças ou impressões guarda desta cidade?

Agora em novembro de 2000 irei pela terceira vez a Porto Alegre. Para mim esta cidade significou a porta de entrada ao Brasil — e também à América Latina — graças a Carlos Eduardo Comas, que me convidou pela primeira vez para dar um curso no PROPARG há quase dez anos. Considero uma cidade agradável, com qualidade de espaço público, com praças, passeios e mercados. O porto e o rio me parecem fascinantes. É uma cidade onde tenho muitos amigos.

Porto Alegre é hoje um modelo internacional de gestão urbana participativa, em que todas as questões se debatem e se discutem; e há toda uma série de objetivos, de predomínio do bem público. Não posso avaliar até que ponto isto funciona perfeitamente ou não, mas me dá a impressão de que essa seja uma opção mais dura, que em Porto Alegre não se opta tanto pelas grandes operações arquitetônicas urbanas, com grandes nomes, ou pelas operações muito estetizadas, senão que se opta muito mais pelo que é o fundo da sociedade, as condições de vida, a infra-estrutura, o saneamento, etc. Sem dúvida Porto Alegre é um modelo de cidade que aposta mais na qualidade de vida e menos nos grandes empreendimentos arquitetônicos.

visão da arquitetura latino-americana/ brasileira



produção atual

lembranças de Porto Alegre

Esta entrevista ocorreu entre os dias 5 e 19 de outubro de 2000, em Barcelona, conduzida pela arquiteta Cláudia Cabral, colaboradora da revista ARQTEXTO. Professora do Departamento de Arquitetura da FA-UFRGS, é atualmente doutoranda da ETSAB-UPC, onde desenvolve tese orientada por Josep Maria Montaner.



Josep Maria Montaner i Martorell

Barcelona, 1954.

Arquiteto, Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona, ETSAB - UPC, 1977.

Doutor em Arquitetura, ETSAB-UPC, 1983.

Atividades atuais: arquiteto, escritor, professor catedrático do Departamento de Composição Arquitetônica, ETSAB -UPC; professor convidado em várias universidades européias e latino-americanas.

Autor de diversos artigos e publicações, entre os quais se destacam:

Arquitectura y crítica (1999);

La modernidad superada. Arquitectura, arte y pensamiento del siglo XX (1997);

Less is more, minimalismo en la arquitectura y las artes (1996, com Vittorio E. Savi);

Después del Movimiento Moderno (1993, traduzido ao italiano e proximamente ao português);

Museos para el nuevo siglo (1995);

Nuevos museos. Espacios para el arte y la cultura (1990);

além de textos literários como *Fills de Blade Runner* (1991) e *Talaia d'America* (1993).

Publica regularmente em revistas de arquitetura, e é colaborador do diário espanhol *El País*.